

# KEEPING UP WITH TUT



2 ANO  
GPC (PL)

JUNHO 2022

Ana Dias  
Andreia Magalhães  
André Ferreira  
Beatriz Augusto  
Bruna Serra  
Eliana Tavares  
Fábio Cruz  
Georgia Cardoso  
Inês Baganha  
José Araújo  
Maria Massena  
Maria Medo  
Mariana Ramos  
Raquel Adão

Como resposta ao desafio lançado pelos professores Amândio Barros e Carla Ribeiro, na Unidade Curricular de Património Arqueológico, surge a exposição “Keeping Up With Tut”, que serve como meio de transporte até ao Egito antigo - o Egito dos Faraós - ou então, apenas, até ao momento da maior descoberta da história da arqueologia - A descoberta do Túmulo de Tutankhamon.

Sabemos que a construção das sociedades, civilizações e todo o espaço geográfico produzido pelas atividades humanas, se expressam a partir de um conjunto de técnicas e objetos. Assim, o grau de avanço do uso dessas técnicas e da produção desses objetos, influencia diretamente o modo de funcionamento dessas sociedades em estudo. Assim sendo, a obtenção de informações sobre esses elementos é de vital necessidade para compreendermos como os seres humanos realizavam as suas atividades e construam o seu espaço em tempos passados. E é aqui que se vê a importância da arqueologia. Sem esta ciência social não se poderia realizar este estudo direto das evidências históricas que, a maior parte das vezes, não se veem a olho nu. O mais comum é que os estudos sejam empreendidos por pesquisas sobre o solo e materiais arqueológicos que foram soterrados ou danificados com o passar das épocas.

A descoberta do Túmulo de Tutankhamon foi, assim, a maior e mais importante descoberta que se fez. A forma como tudo foi encontrado, tornou-se num dos mais importantes testemunhos daquilo que terá sido a sociedade egípcia e, até à contemporaneidade, continuam a ser estudados os objetos encontrados, assim como a curiosidade em descobrir algo mais, continua a alimentar o desejo de muitos.

## **A maior descoberta arqueológica de sempre**

A grande descoberta arqueológica, no ano de 1922, por Howard Carter, do túmulo de Tutankhamon, financiada por Lord Carnarvon, recebeu cobertura de toda a imprensa mundial e tornou-se no grande despertar de um renovado interesse público pelo antigo Egito. A máscara mortuária de Tutankhamon, por exemplo, continua a ser um símbolo de enorme popularidade, e as exposições dos artefactos encontrados, percorreram o mundo, numa tentativa de satisfazer a curiosidade da sociedade.

100 anos depois de tão importante descoberta, continua a fazer sentido lembrar todo o conhecimento adquirido acerca do antigo Egito, do qual, ainda, tanto falta descobrir.

Tutankhamon

Tutankhamon – “o que ama a imagem de Amon” - foi um faraó de menor importância da XVIII dinastia do Egito, que tinha tudo para ser esquecido pela história. Seu pai, Amenófis IV ou Amenotepe IV, mudou o seu nome para Aquenáton ou Akhenaton – “aquele que serve a Aton” – e tentou instalar a religião monoteísta, no Egito, venerando o deus Aton, em detrimento do politeísmo que era praticado, por todos, até essa altura. Assim, todos aqueles ligados ao faraó revolucionário, quase foram apagados da história egípcia, e, mesmo Tutankhamon tendo restaurado o culto aos antigos deuses, o seu nome teria tido pouca importância.

O que o fez transformar num dos faraós mais importantes de sempre, foi a descoberta do seu túmulo, que era pequeno, pois, provavelmente, haveria tido um espaço maior reservado para abrigar o seu corpo, usurpado por um de seus sucessores depois da sua morte precoce e, possivelmente, incompleto quando o jovem faraó morreu, após cerca de dez anos de governo sob a influência do conselheiro real Ay, que o sucederia no trono. Entretanto, apesar do espaço menor do que o de costume para o túmulo de um faraó e da decoração menos impressionante do que a encontrada em outros, os seus tesouros foram encontrados praticamente intactos, tendo sobrevivido aos ladrões de túmulos. Os defuntos eram enterrados com uma multitude de objetos que precisariam na vida após a morte, desde roupas e joias, até comida e bebida. Foram encontrados cerca de 3500 artefactos que levaram cerca de dez anos para serem catalogados.

O ouro é usado abundantemente, tanto na máscara, como nos caixões do defunto, pois acreditava-se que os deuses eram dourados, sendo representados, frequentemente, em amarelo, em alusão ao ouro, nas pinturas dos túmulos. Assim, a máscara duraria para sempre, como a

alma do defunto, que poderia reconhecer o seu corpo através do retrato estilizado do morto e voltar até ele, garantindo, assim, a sua ressurreição. Personagens menos importantes não tinham as suas máscaras feitas de metal, mas sim de tecido coberto com gesso. Na parte de trás da máscara, observam-se hieróglifos, com um feitiço do *Livro dos Mortos*, reforçando assim a proteção ao defunto.

**Nemes** - Feito em ouro e lápis-lazuli - material tão caro que já foi chamado de “ouro azul”. Os faraós eram considerados a encarnação de deus na Terra, por isso, usavam azul. Eles também eram associados ao deus do sol, por isso, a utilização do ouro.

**Cobra e abutre** - A cobra, elemento tradicional para enfeitar a cabeça de um faraó, era uma deusa protetora do Baixo Egito. Ao seu lado está o emblema da deusa abutre Nekhbet, espírito encarregado de proteger o Alto Egito.

**Cabeça de falcão na gola** - A gola e a ombreira do exemplar, feitas com cerâmica e ouro, estão conectadas por um falcão. O animal é símbolo do deus do céu e, por associação, da condição divina do Faraó.



Pormenores da Máscara de Tutankhamon

**A DESCOBERTA**

Os trabalhos das escavações iniciaram-se a 1 de novembro de 1922, num local estranho: abaixo da entrada do túmulo de Ramsés VI, onde existiam restos de construções, com cerca de 3000 anos. Chegou-se às fundações e, a 4 de novembro, foi encontrada uma escada com 16 degraus, que conduzia a um piso inferior e chegava a uma porta fechada. Nela havia lacres com hieróglifos, onde se lia o nome de Tutankhamon. Foi preciso avisar o Lord Carnarvon do descoberto e chamá-lo até ao Vale dos Reis.

Carter mandou cobrir a escada de pedra e deixou alguns trabalhadores de vigia. Passaram 3 semanas até à chegada de Carnarvon, no dia 23 de novembro. Na manhã do dia 25, a porta selada foi removida e encontraram-se pedras e lascas de calcário até ao teto. Depois de removido todo esse lixo, percebeu-se que se tratava de uma passagem de 6 metros que chegava a outra porta, semelhante à inicial, onde Carter abriu um pequeno buraco. Inseriu um bastão de ferro para ver se havia mais entulho, mas o bastão não encontrou obstáculos. Inseriu uma vela acesa e, do momento seguinte, Carter disse:

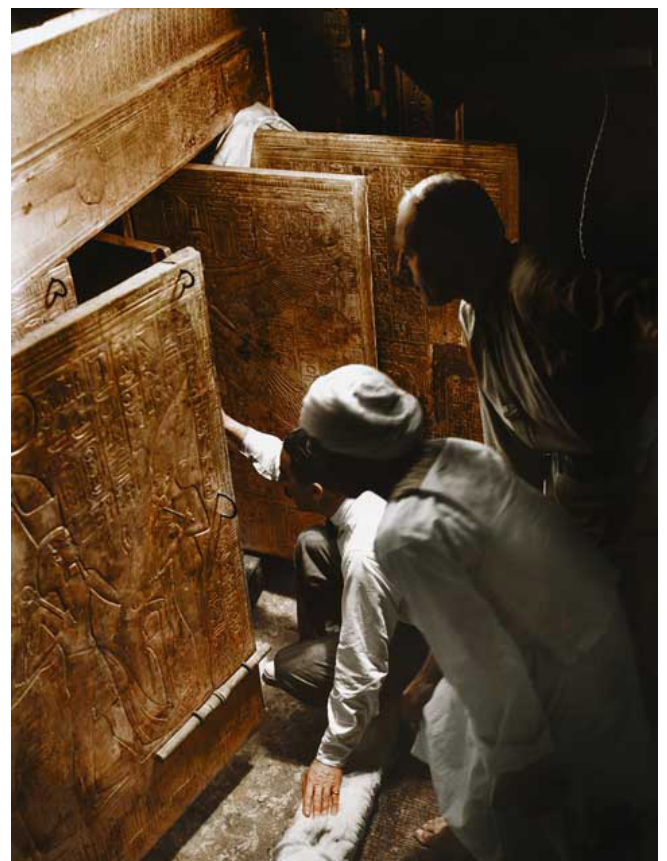
**“Logo que os meus olhos se acostumaram à luz, detalhes da sala surgiram lentamente da névoa, animais estranhos, estátuas e ouro – em todo lugar o brilho de ouro. Fiquei mudo de espanto. Quando o Lorde Carnarvon, incapaz de suportar a ansiedade por mais tempo, me perguntou se conseguia ver algo, tudo que eu pude dizer foi: Sim, coisas maravilhosas”.**

Na manhã seguinte, a porta foi removida, revelando a antecâmara, atulhada de caixas, cadeiras, vasos, sofás, carruagens desmontadas, estátuas – a grande maioria em ouro. O túmulo KV62 (Kings' Valley 62) do faraó Tutankhamon foi, assim, descoberto.

Na parede oposta, havia duas estátuas de guardiões, em tamanho real, de frente uma para a outra e, entre elas, mais uma porta fechada, que levou semanas para ser aberta.

A remoção de cada peça foi planeada de forma a não existir qualquer dano. Todos os objetos foram fotografados, numerados, catalogados, limpos e descritos. Os objetos saíam enrolados em gaze e eram levados em macas até uma oficina de conservação improvisada, no túmulo de Seti II. Assim que as macas saíam do túmulo, multidões de curiosos aguardavam do lado de fora, uma vez que a notícia da descoberta se espalhou. As macas seguiam para a oficina de conservação que era, também, estúdio fotográfico, depósito e carpintaria (para fazer as caixas de madeira para transportar os objetos de comboio até ao Cairo). Os trabalhos na antecâmara levaram mais de dois meses a ser concluídos

Howard Carter (sentado no chão) e auxiliares, abrem a porta do santuário.



Sarcófago e  
Máscara funerária de  
Tutankhamon

# A Máscara

**Período:** Novo Reino

**Dinastia:** 18ª Dinastia, Reinado de Tutankhamon (1327-1318 aC)

**Tamanho:** Altura: 54cm; Largura: 39,3cm; Peso: 11kg

**Descoberta:** Vale dos Reis – Tebas

**Material:** Ouro, lápis-lazúli, pasta de vidro, obsidiana, turquesa.

Encontra-se no Museu do Egito do Cairo, na Galeria 3 do Piso Superior.

Esta máscara dourada é o mais famoso de todos os artefactos do antigo Egito. O rei é retratado com os nemes, cocar de linha listrada branca e azul: um uraeus (cobra sagrada) e um abutre adornam a sua testa, com uma barba falsa feita de ouro e pasta de vidro. Os olhos do rei são reproduzidos em quartzo e obsidiana. Nas costas estão gravadas inscrições mágicas retiradas do capítulo 151b do *Livro dos Mortos*.

O artefacto é constituído por duas partes feitas com ouro martelado, que foi soldado sob pressão. Na máscara podem observar-se alguns símbolos tradicionais da realeza no Antigo Egito, como, por exemplo, o “Tocado Nemes”, a “Serpente Uraeus” e a “Barba Trançada”. Nas suas costas está gravada algumas inscrições do capítulo 151B do livro dos mortos:

**“Teu olho direito é a barca da noite, teu olho esquerdo a barca do dia e as tuas sobrancelhas são a novidade divina. Tua partida é Anúbis, a parte de trás de tua cabeça é Hórus, os teus dedos são Thot, o teu bosque de cabelo é Ptah Sokar.”**



Pormenores da Máscara Funerária



# A câmara e o túmulo de Tutankhamon

No dia 16 de fevereiro de 1923 entraram na câmara. Encontrava-se, quase totalmente, ocupada por uma grande caixa de madeira dourada: era o santuário que guardava o sarcófago de Tutankhamon. Nas laterais, junto ao santuário, estavam 11 remos para a Barca do Sol, recipientes para incenso, lanternas com imagens do Deus Hapy. O santuário tinha 5m de comprimento, 3m de largura e 2,75m de altura. Não era uma peça única. Dentro havia outros três santuários. O último deles, mais interno, media 2,90m de comprimento e 1,48m de largura. As paredes estavam decoradas com imagens funerárias e, no teto, Nut, a deusa do céu, abraçava com suas asas o sarcófago de granito. O sarcófago feito de um único bloco de pedra, media 2,75m de comprimento, 1,33m de largura e 1,49m de altura. Era fechado com uma tampa de granito rosa com cerca de 1250kg. Dentro do sarcófago estavam três caixões antropomórficos, uns dentro dos outros. Os dois primeiros feitos de madeira de cipreste e o último feito de ouro puro. Dentro dele, a múmia de Tutankhamon com a máscara mortuária de ouro, lápis-lazúli, cornalina, quartzo, obsidiana, turquesa e vidro. A múmia estava embrulhada em 16 camadas de bandagens de linho e dentro de cada camada havia numerosas peças de joalheria e amuletos, figuras divinas e dois punhais de ouro. A múmia usava peitoral, colares, braceletes, brincos e tinha os dedos das mãos e dos pés cobertos com dedeiras douradas. O exame revelou que o faraó tinha entre 17 e 19 anos quando morreu.

Os trabalhos duraram 8 anos. A remoção da tampa de cada sarcófago foi, cuidadosamente, planeada. A múmia de Tutankhamon só foi revelada a 28 de outubro de 1925, quase três anos depois de descoberta. Lorde Carnavon não assistiu a esse momento, pois faleceu dois anos antes. Depois do exame da múmia, havia ainda outras duas câmaras para investigar: a câmara do tesouro e o anexo, com outras centenas de peças valiosas. Finalmente, a 10 de novembro de 1930, foram removidos os últimos objetos. A múmia foi mantida dentro do túmulo e só saiu para um exame de Raio-X em 1968.

É a única múmia real que permaneceu no seu próprio túmulo desde a descoberta. O encerramento dos trabalhos não pôs fim à curiosidade. A enorme quantidade de material recolhido demorará décadas para ser inteiramente analisada e avaliada pelos especialistas. Há caixas ainda fechadas no Museu do Cairo, à espera de estudos. O público, por sua vez, além do fascínio suscitado pela descoberta, foi cativado pela lenda da “maldição do faraó” contra aqueles que perturbaram o seu sonho eterno. A lenda inspira filmes, vídeos, literatura, jogos eletrônicos, entre outros.



Carter a examinar a múmia do Rei Tut

# Oito anos de Trabalho

Os trabalhos duraram 8 anos. A remoção da tampa de cada sarcófago foi cuidadosamente planejada. A múmia de Tutankhamon só foi revelada a 28 de outubro de 1925, quase três anos depois de descoberta. Lorde Carnavon não assistiu a esse momento, pois faleceu dois anos antes. Depois do exame da múmia, havia ainda outras duas câmaras para investigar: a câmara do tesouro e o anexo, com outras centenas de peças valiosas. Finalmente, a 10 de novembro de 1930, foram removidos os últimos objetos. A múmia foi mantida dentro do túmulo e só saiu para um exame de Raio-X em 1968. É a única múmia real que permaneceu no seu próprio túmulo desde a descoberta. O encerramento dos trabalhos não pôs fim à curiosidade. A enorme quantidade de material recolhido demorará décadas para ser inteiramente analisada e avaliada pelos especialistas. Há caixas ainda fechadas no Museu do Cairo, à espera de estudos. O público, por sua vez, além do fascínio suscitado pela descoberta, foi cativado pela lenda da “maldição do faraó” contra aqueles que perturbaram o seu sonho eterno. A lenda inspira filmes, vídeos, literatura, jogos eletrônicos, entre outros.

## Barba do Rei Tut

Tudo começou em janeiro de 2015, quando a imprensa ficou ciente de que durante a manutenção do expositor em que a peça ficava exposta, ocorreu um acidente que

fez com que a barba da máscara se soltasse. Como resolução, optou-se por usar uma cola que não era a ideal.

De acordo com os responsáveis por colar o artefacto, a ordem para utilizar tal aderente partiu de superiores. A egiptóloga Monica Hanna, especialista em conservação de pinturas murais, foi uma das pessoas que denunciou o crime. De acordo com ela, cinco conservadores tentaram delatar o ocorrido, mas após uma visita do ministro das antiguidades ao museu, todos foram afastados.

Para piorar, fotografias dentro do museu, até então, estavam proibidas e, desta forma, era difícil convencer as pessoas de que a cola estava lá ou da gravidade da intervenção. Entretanto, com a pressão por parte da imprensa, o Ministério das Antiguidades viu-se obrigado a realizar, a 24 de janeiro de 2015, uma reunião com jornalistas, no Museu Egípcio do Cairo para confirmar o ocorrido e apresentar o conservador alemão Christian Eckmann, que seria o responsável pela remoção da cola. Os trabalhos de Eckmann começaram em outubro e, após nove semanas, a máscara, finalmente, ficou pronta para ser exposta no Museu Egípcio do Cairo.

Apesar das circunstâncias, foi possível realizar mais uma descoberta arqueológica. De acordo com o Ministro das Antiguidades: “O processo revelou surpresas. A primeira é que a barba tem um tubo interior que a conecta com o rosto da máscara e, a segunda, que a reintegração de 1946 se fez utilizando uma leve soldadura”.

Para pôr a barba no seu devido lugar, Eckmann e a sua equipa fizeram uso de técnicas antigas. Como aderente, utilizaram cera de abelha, porque era um material comum no Antigo Egito, além de que é uma matéria orgânica que oferece um menor risco de causar danos ao metal da máscara.

**Mumificação**

O processo de mumificação surgiu no Egito há 5.000 anos e durou até 1.700 anos atrás, devido ao surgimento de novas ideias em relação à vida após a morte está prática foi desaparecendo. A crença na vida após a morte, desde que o corpo do morto fosse conservado para receber a nova vida, levou várias culturas do passado a conservar, através da mumificação, os corpos dos mortos.

A mumificação começava por uma limpeza geral, era realizado perto de uma região onde se localizavam os cemitérios e o ritual era feito nas margens do rio Nilo. O corpo que se tornaria uma múmia era colocado numa mesa para ser levado com água do rio. Depois, para evitar a decomposição do corpo, os órgãos internos eram removidos, isto é, só ficava o coração, pois os egípcios acreditavam que ele era o centro da inteligência e a força da vida dos homens. Outros órgãos também eram guardados pois simbolizavam os 4 filhos de Hórus, deus dos céus:

**Duamutef** (cão) cuidava do estômago;

**Qebhsenuf** (falcão), dos intestinos;

**Hapi** (babuíno), dos pulmões;

**Amset** (humano), do fígado.

Depois, para evitar o apodrecimento da múmia inicia-se a desidratação do corpo, preenchia-se com natrão (sal comum na época) e mantinha-se assim durante 40 dias, para que o sal absorvesse os líquidos do corpo. De seguida o corpo era lavado novamente e recebia óleos e ervas perfumadas. No seu interior eram colocadas plantas e serragem para que o corpo ganhasse forma e não se desformasse. Depois deste processo todo é que era iniciada o enfaixamento com tiras de linho (20 camadas), começava-se pela cabeça, de seguida para as mãos, pés e por fim o resto do corpo. Durante esta fase, o que comandava o ritual usava uma máscara de Anúbis, o deus dos mortos. Ao final, a múmia ia para o sarcófago e, depois, para o túmulo, que podia variar de covas bem simples às grandes pirâmides. Este processo não era apenas realizado em seres humanos, os animais também eram mumificados (cães, gatos e pássaros), pois no Egito Antigo acreditava-se que os animais representavam deuses sagrados, servindo de símbolo ao culto dessas divindades. Mas também havia alguns casos em que a mumificação de um animal era simplesmente uma homenagem a um animal de estimação muito querido. No Egito Antigo mesmo quem não tivesse qualquer relação com a realeza poderia ser mumificado, teriam apenas de pagar pelo ritual (preço alto) e tornar-se-ia uma múmia.

**Os Protagonistas**

# Howard Carter

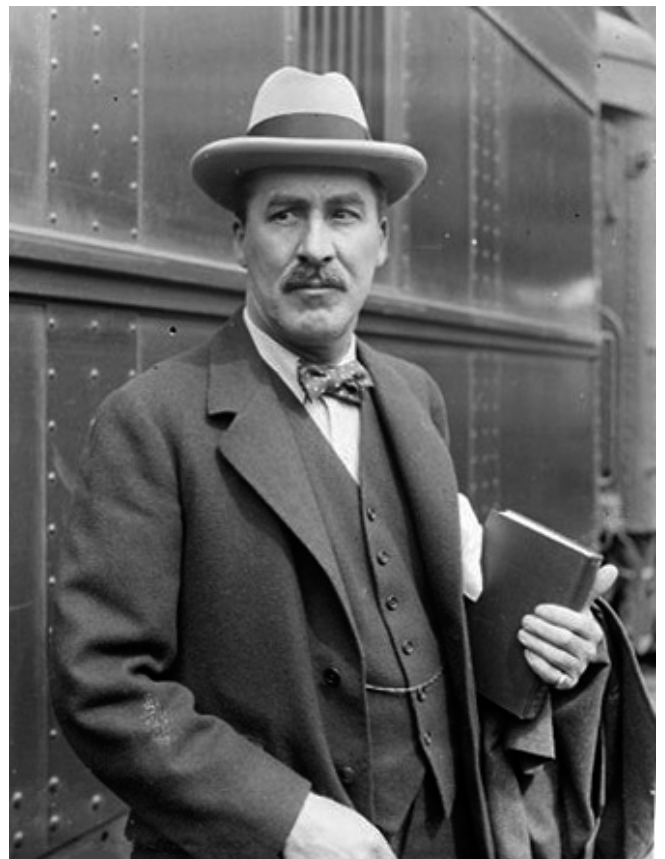
Howard Carter foi arqueólogo, egiptólogo, prospector de antiguidades e, ainda, artista. Nasceu no dia 9 de março de 1874, em Londres, e era o mais novo de uma família de onze irmãos, filho de Martha Joyce Carter e de Samuel John Carter. O seu pai tornou-se um artista proeminente, assim como o seu irmão William Carter, o que lhe trouxe curiosidade acerca do mundo da arte. Carter foi criado com duas tias. Era uma criança doente e, devido à sua saúde muito frágil, teve sempre um ensino privado em casa, e o seu pai ia-o treinando, durante as suas frequentes viagens a Swaffham onde vivia com as tias, com bases de desenho e de pintura. Assim, Howard nunca recebeu uma educação formal, igual à de outras crianças.

Um dos mecenas do seu pai era William Amherst Tyssen-Amherst, membro do Parlamento, dono do domínio e mansão de Didlington Hall. Howard acompanhou o pai ao salão para o ver pintar, mas, depois de ficar entediado, “fugiu” para uma sala egípcia, observando a coleção que Amherst havia acumulado ao longo dos anos. Os Amhersts seriam a chave para a entrada de Howard no mundo da egiptologia, pois ele foi recomendado para trabalhar nos sítios arqueológicos do Egito.

Entre os anos de 1891 e 1899, Carter foi membro da Missão Arqueológica, no Egito. Em 1892 colaborou com o egiptólogo Flinders Petrie na escavação de Tell el-Amarna, sendo também nomeado inspetor-chefe do Departamento de Antiguidades do governo egípcio. Até 1922, as suas descobertas mais importantes tinham sido os túmulos do faraó Tutmés IV e da rainha Hatshepsut.

No entanto, a descoberta arqueológica que o tornou uma celebridade mundial até aos dias de hoje, foi a descoberta, ao lado de Lord Carnarvon, do túmulo do jovem faraó Tutankhamon, localizado no Vale dos Reis, completamente intacto.

Os últimos dezassete anos da vida de Howard Carter foram dedicados a analisar todo o equipamento descoberto no túmulo do faraó. Acabou por morrer a 2 de março de 1939, com 65 anos de idade, capazes de provar que sobreviveu à célebre “maldição dos faraós”, que se acredita ter fulminado os reveladores do túmulo de Tutankhamon.



Howard Carter

# Lord Carnarvon

George Edward Stanhope Molyneux Herbert, foi o 5º Conde de Carnarvon, nasceu a 26 de junho de 1866 e foi um aristocrata inglês e arqueólogo amador.

Tratava-se de um homem rico, e conhecido proprietário de cavalos de corrida e condutor imprudente dos primeiros automóveis, sofrendo, em 1901, um grave acidente na Alemanha, que o deixou incapacitado. Para manter a sua saúde, abandonou a chuvosa e húmida Inglaterra, fixando-se no Egito, onde o clima era melhor. No entanto, achava a vida no Egito monótona e, por isso, começou a colecionar artefactos locais como forma de passatempo. Rapidamente ficou fascinado com a egiptologia e começou a persegui-la com maior entusiasmo.

Por não ter recebido nenhuma educação especializada, Lord Carnarvon não foi capaz de conduzir as suas próprias escavações arqueológicas com sucesso. No entanto, decidiu financiar o trabalho de Howard Carter. Durante a Primeira Guerra Mundial, tanto Carter quanto Carnarvon estavam carregados de trabalho diplomático e as escavações foram abandonadas. Eles continuaram com escavações após a guerra, mas com resultados fracassados, e em 1921, Carnarvon havia perdido toda a esperança de encontrar algo valioso no Vale dos Reis. Sem dinheiro, chamou Carter para lhe dizer que cortaria o financiamento das futuras escavações. No entanto, Carter conseguiu convencê-lo a continuar as escavações e finalmente fez a grande descoberta do túmulo de Tutankhamon, em 1922.

As suas descobertas atraíram a atenção do mundo, com a morte precoce do jovem faraó e a beleza dos artefactos, capturando a atenção e a imaginação de todos.

Lord Carnarvon, no entanto, não viveu para desfrutar dessa fama, morrendo logo após a abertura do túmulo, a 5 de abril de 1923, dando suporte à história da “maldição de Tutankhamon”, embora seus próprios problemas de saúde, agravados por uma picada de mosquito infetado, fossem a causa real da morte.

Lord Carnarvon é lembrado por trazer à consciência pública a vida de um dos líderes da grande civilização do antigo Egito, tratando-se da maior descoberta de sempre dessa civilização.



Lord Carnarvon

# Harry Burton

Harry Burton, nasceu a 13 de setembro de 1879 em Stamford, no Reino Unido.

O seu gosto e jeito para a fotografia, fez com que, rapidamente, conseguisse conquistar a reputação de melhor fotógrafo arqueológico da sua época.

Robert Needham Cust (1821-1909), um administrador britânico e juiz da Índia colonial, cuidou e educou Harry, levando-o para Florença, onde desenvolveu as suas competências na área da fotografia, tornando-se reconhecido como um extraordinário fotógrafo de pinturas.

Burton conhece Theodore M. Davis, um rico advogado americano, famoso por patrocinar e realizar escavações no Vale dos Reis, que o contrata para fotografar os interiores dos túmulos, no Egito em 1910. Posteriormente, foi contratado como fotógrafo para registrar o trabalho da equipa da escavação na Expedição ao Museu Metropolitano do Egito de Albert M. Lythgoe, cargo que exerceu até à sua morte, a 27 de junho do ano de 1940.

Em 1922, quando Howard Carter descobriu o túmulo de Tutankhamon, solicitou os serviços de Burton ao Museu Metropolitano do Egito, trabalho que realizou durante oito anos, até 1930, e onde tirou cerca de 3400 fotografias.



Harry Burton

# As relações de Tutankhamon

# Thuya

Thuya nasceu em 1400 a.C. e foi uma nobre egípcia e descendente de Amósis-Nefertari. Esta mulher, possivelmente, ocupou diversos cargos e cultos religiosos, ao longo da sua vida. Desempenhou o cargo de Superintendente do Harém dos deuses Min da cidade de Akhmin e Ámon de Tebas.

Os cultos religiosos em que esteve envolvida incluíam “A Cantora de Hator” (Deusa dos céus e do sol, do amor, da maternidade e da beleza. Hator é a padroeira da música, da dança, assim como das grávidas e dos mineiros) e a “A Chefe das Animadoras de Ámon e Min” (Ámon significa “oculto”, Deus da indefinição, o seu significado está associado aquilo que não pode ser palpável, por isso estar relacionado ao ar e ao vento; Min é uma divindade egípcia itifálica, que protege as caravanas, promovia a fertilidade).

Thuya faleceu na década de 1370 a.C. e foi encontrada pelo egiptólogo britânico James Edward Quibell, em 1905. A equipa, liderada pelo milionário americano Theodore M. Davis, descobriu-a no Vale dos Reis, no túmulo KV46, que também guardava o seu marido, Yuya. Hoje, os restos mortais da nobre estão guardados no Museu do Cairo, no Egito.



Máscara de Thuya

# Yuya

Yuya foi um poderoso cortesão egípcio da 18ª Dinastia. Era um profeta, ocupava possivelmente um cargo de chefe da região e servidor aos cultos dos deuses. Veio do Alto Egito da cidade de Akhmin, onde provavelmente era dono de uma grande propriedade e membro da nobreza local. Serviu Amenotepe III como conselheiro-chave e possuía postos como “O Tenente do Rei” e “Mestre dos Cavalos”. Seu título Pai do Deus possivelmente se refere ao parentesco de sogro com o Amenotepe III. Após o seu falecimento, foi sepultado no Vale dos Reis, junto de faraós e membros da família real. Sua tumba foi descoberta em 1905 e estava repleta de tesouros, como móveis, objetos pessoais, sarcófagos e máscaras.

Yuya e Thuya tiveram uma filha de nome Tí que se tornou a rainha do Egito e esposa real do faraó Amenotepe III, devido à sua união eles passaram a fazer parte da família real. Eles também foram pais de Ay, um cortesão egípcio durante o reinado do faraó Akhenaton (seu neto), que eventualmente tornou-se um mais alto funcionário do Antigo Egito e então faraó.



Máscara de Yuya

# Amenotepe III

Amenotepe III foi um faraó que pertenceu à 18ª Dinastia egípcia. Também conhecido como Amenófis III ou Rei Sol, tornou-se faraó em 1390 a.C., reinando até 1352 a.C. O seu longo reinado de cerca de quarenta anos caracterizou-se por ser uma era de paz, prosperidade e de esplendor no Antigo Egito. Filho do rei Tutemés IV e de Mutemuia, ascendeu ao trono quando ainda era uma criança, estima-se que tenha sido aos dez ou doze anos.

Casado com Tí, forma um casal reconhecido pela História. Durante o reinado de Amenotepe III as artes, a arquitetura e a ciência recebem uma atenção especial. A paixão pelo belo insere na cultura egípcia elementos oriundos de outros povos. O faraó teve como sucessores o seu filho Akhenaton e o seu neto Tutankhamon.

Amenotep III foi enterrado no Vale Ocidental do Vale dos Reis. Contudo, a sua múmia foi removida deste túmulo e foi colocada numa câmara lateral junto com outros faraós das dinastias 18ª e 19ª, onde permaneceu até ser descoberta, em 1898, pelo arqueólogo Victor Loret.



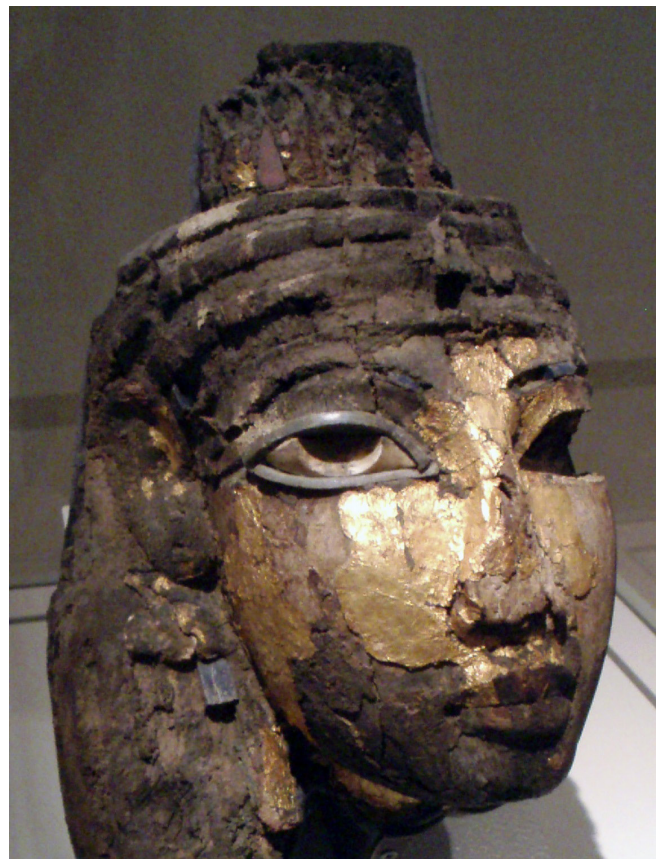
Estátua de Amenotepe III

# Tí

Tí, foi rainha do Antigo Egito, esposa do faraó Amenotepe III, da 18ª Dinastia e mãe do polémico faraó Akhenaton e avó do então famoso Tutankhamon.

A rainha tornou-se esposa do faraó egípcio aos 10 anos, e, desde aí, manteve-se ao lado do marido até à sua morte. A rainha Tí foi representada nos monumentos régios do Egito no governo do marido, sendo uma das figuras mais reproduzidas na época, percebendo-se, assim, a sua popularidade.

O túmulo de Tí foi encontrado no Vale dos Reis. A descoberta gerou grande polémica na época. No entanto, anos depois, uma investigação no túmulo de Tutankhamon revelou uma mecha de cabelo com a inscrição do nome de Tí, provavelmente seria uma recordação.



Máscara de Tí

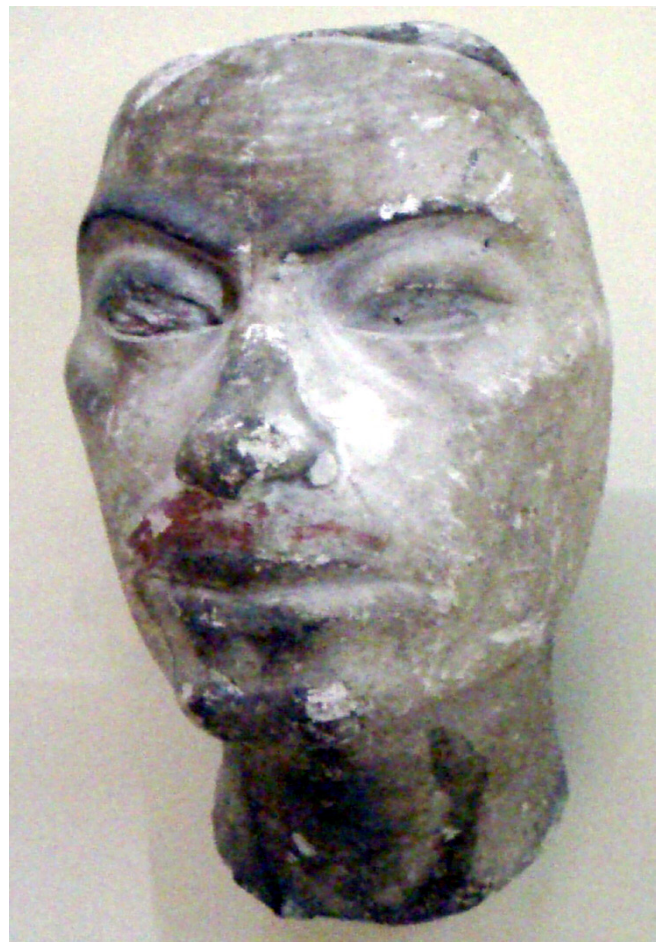
# Ay

Ay foi um faraó, o penúltimo da 18ª dinastia. Pensa-se que governou o antigo Egito durante quatro anos, ou entre 1327 e 1323 ou entre 1323 e 1319 a.C.

Reinou a seguir a Tutankhamon. Aliás, antes de Ay ter subido ao poder, foi funcionário ao serviço de Akhenaten, Amenotepe III e Tutankhamon. Depois de subir ao trono, foi apelidado Kheperkheruré, que significa “Eternas são as manifestações de Ré”.

Os arqueólogos pensam que Ay seja natural da cidade de Akhmin, a maior cidade do lado leste do Nilo no Alto Egito. Os seus pais foram Tuya (mãe) e Yuya (pai), e foi irmão de Tí. Os arqueólogos também apontam que Ay casou-se com a viúva de Tutankhamon, de modo a poder tornar-se um faraó, visto que não tinha raízes reais.

Ay foi sepultado no Vale dos Reis, no túmulo KV23 que estava previsto ser para Tutankhamon, esta descoberta deu-se em 1816 por Giovanni Battista Belzoni.



Ay

# Nefertiti

Nefertiti nasce por volta de 1370 a.C. Era venerada pelo povo por ser considerada uma deusa viva e pela sua beleza majestosa. Foi casada com Akhenaton, grande faraó responsável pelo Atenismo e juntos tiveram seis filhas: Meritaton, Meketaton, Ankhesenpaaton, Neferneferuaton, Neferneferuré e Setepenré.

Mesmo sendo o grande símbolo da beleza do Egito, não há muitos registros sobre a história de Nefertiti. Sabe-se que, juntamente com o marido, foi uma das grandes responsáveis pela disseminação do culto monoteísta ao Deus Aton. Era uma das responsáveis pela realização dos cultos e vista pelo povo como uma divindade, o que fortalecia a paixão e hidrolatria do povo pela mesma.

Por volta de 1334, não há mais registros da presença de Nefertiti no Egito. A teoria mais aceita é de que ela faleceu, vítima da praga que assolou o Mediterrâneo no reinado de Akhenaton. Alguns arqueológicos apontam que ela tenha vindo a falecer no ano de 1345 a.C, embora a sua múmia e o seu sarcófago ainda não foram encontrados.



Busto de Nefertiti

# Kiya

Kiya foi uma das esposas de Akhenaton, pai de Tutankhamon, e pouco se sabe sobre ela porque o seu papel e ações são pouco documentados no registo histórico, contrastando com a esposa de Akhenaton, Nefertiti. Foi descoberta na altura em que Howard Carter descobriu o túmulo de Tutankhamon.

O seu nome sugere ter sido originalmente uma princesa Mitani. Mitani foi um reino da Mesopotâmia de 1600 a.C., até o auge de seu poder, no século XV a.C., abrangendo o que é hoje o sudeste da Turquia, o Nordeste da Síria, norte do Iraque. Kiya desaparece da história alguns anos antes da morte do seu marido. Há rumores de que seria mãe de Tutankhamon.

O nome de Kiya é motivo de debate. O seu nome incomum é na verdade uma variante da palavra egípcia antiga- “macaco”. Por ter uma origem numa palavra egípcia torna-se dispensável presumir-se uma origem estrangeira para a mesma. No entanto, nas inscrições são atribuídos títulos como “A Favorita” e “A amada”, mas nunca “A Herdeira”, o que sugere assim que a mesma podia não ser de sangue real.

Kiya desaparece da história durante a última parte do reinado de Akhenaton. O seu nome e imagens foram apagadas dos monumentos e substituídos pelos das filhas de Akhenaton.



Kiya

# Akhenaton

Akhenaton conhecido, primeiramente por Amenotep IV em egípcio antigo, ou Amenófis, em egípcio moderno, por ser um antigo faraó que se torna o décimo governador da XVIII Dinastia descoberto no século XIX nas escavações iniciais por Flinders Petrie em Amarna iniciaram um interesse no faraó, cuja tumba foi desenterrada em 1907 em escavação de Edward R. Ayrton. Como faraó é destacado por ter introduzido o Atenismo (uma nova religião que se centrava no culto do deus Aton, representado como o disco do Sol e originalmente continha um aspeto da tradicional divindade solar Rá), ou também adoração centrada em Áton. Por ter realizado esta mudança radical, já que antigamente o que predominava era o politeísmo tradicional, fez com que, após a sua morte, os seus monumentos fossem desmantelados e escondidos, as suas estátuas foram destruídas e o seu nome excluído das listas de governantes tornando-se o “inimigo” ou “aquele criminoso” em registos de arquivo.

O pai de Tutankhamon, após este acontecimento, estava praticamente esquecido na história até à descoberta de Amarna. Para além disso, em 1907, uma múmia que poderia ser de Akhenaton foi desenterrada do túmulo KV55 no Vale dos Reis por Edward R. Ayrton. Os testes genéticos determinaram que o homem enterrado em KV55 era o pai de Tutankhamon mas sua identificação como Akhenaton foi desde então questionada.



Akhenaton

# Ankhesenamon

Ankhesenamon nasce em 1348 a.C. sendo a terceira das seis filhas do faraó Akhenaton com a rainha Nefertiti.

Tornou-se a segunda da sucessão pelo trono com a morte da sua irmã mais velha ainda na infância. Por volta dos 12 anos, Ankhesenpaaten casa-se com seu meio-irmão Tutankhamon, que na época tinha cerca de 9 anos de idade. Juntos, decidem alterar os seus nomes em homenagem ao deus Amon. No Egito Antigo o incesto era uma prática comum, principalmente entre a família real, pois acreditava-se que desta forma o reinado iria fortalecer-se.

No entanto, o casamento entre os meios-irmãos acabou por não gerar nenhum herdeiro. Acredita-se que com a morte precoce de Tutankhamon, Ankhesenamon tenha se casado novamente, desta vez com Ay. Após o falecimento de Tutankhamon pouco se sabe sobre Ankhesenamon.

Arqueólogos sugerem que Ankhesenamon terá falecido por volta de 1322 a.C.



Ankhesenamon, em Luxor

# Hieróglifos e pintura mural

A escrita ancestral egípcia, os Hieróglifos, surgiu há cerca de 5000 anos, por volta do ano 3000 a. C.. Foi criada pelos povos que habitavam e subsistiam à volta do rio Nilo, que a desenvolveram, muito pela necessidade de comunicação com outros povos, principalmente com o povo Sumério. A relação entre os 2 povos era pacífica e de uma grande simbiose, muito também pela facilidade de comunicação através da escrita. Os Hieróglifos desenvolveram-se de forma completamente independente e as comunidades que usavam esta escrita teriam já uma diversidade étnica bastante grande, principalmente de povos africanos e asiáticos. A origem da palavra veio de 2 palavras gregas, hierós que significava “sagrado” e glýphein que significava “escrita”. Como o nome indica era uma escrita com significado religioso.

No seu auge a escrita era também usada como arte e possuía cerca de 700 Hieróglifos diferentes. Cada um representava um símbolo, um som e uma imagem. Também haviam Hieróglifos de representação numérica, representação de signos e até hieróglifos que davam significados extra a palavras ou que representavam ações e objetos. Eram usados essencialmente na arte tumulária nas paredes de templos e em edifícios públicos.

No túmulo de Tutankamon podemos encontrar uma pintura mural a representar o próprio faraó com a sua esposa Ankhesenamun, com hieróglifos por cima da pintura. Estas pinturas eram muito esquemáticas, primavam pela frontalidade dos corpos, ausência de sombras, de proporção e de 3 dimensões. Possuíam uma pequena paleta cromática visto que usavam as tintas que conseguiam extrair da natureza. Usavam principalmente o preto, o branco e o vermelho. Estas pinturas tinham temáticas religiosas e representavam os faraós da sua vida quotidiana e sagrada, para que a sua memória ficasse imortalizada como um Deus.

**Tesouro e Artefactos**

# Escrava

# Adaga



Pensa-se ter sido um ornamento pessoal do faraó. Encimada por um grande escaravelho de ouro, embutido com lápis lazuli e ladeado por motivos e frutas de mandrágora, papoilas e granitos de ouro, a pulseira é presa por dobradiças entrelaçadas sofisticadas, com alfinetes de ouro.

Punhal real feito de ouro maciço. Foi descoberto embrulhado como um amuleto dentro das ligaduras de linho da múmia do faraó, onde tinha sido ritualmente colocado na coxa direita.

# Anel

# Arca



Anel de sinete em ouro maciço, utilizado como símbolo do poder real. Tem gravado o nome do rei, sendo referido como “amado de Amon” - o senhor da eternidade.



Este cofre de madeira pintado, encontrado na Antecâmara, foi descrito por Howard Carter como “um dos maiores tesouros artísticos do túmulo. Repleto de roupões de linho com lantejoulas, um encosto de cabeça e sandálias de corte dourado, foi requintadamente decorado com cenas intensas de caça e guerra.

## Canopos Alabastro

## Carruagem dourada



Quatro vasos em alabastro, projetados para guardar os órgãos do faraó, no processo de mumificação. Cada um deles é esculpido com a efígie de Tutankhamon.

Construída em madeira dobrada e couro para ser resistente e leve, a carruagem foi introduzida aos egípcios pelos Hyksos asiáticos durante o início da XVIII dinastia. Entre os exemplos mais esplêndidos e sofisticados de um veículo antigo, esta luxuosa carruagem cerimonial foi reservada para desfiles estatais e procissões reais. Os seus painéis internos decorados são cobertos por relevos dourados que retratam cativos asiáticos e nubianos e as elaboradas rodas de olmo forte e importado foram originalmente equipadas com pneus de pele crua.

## Trono de Tutankhamon

## Ankh Dourado



Pensa-se ser o trono da coroação de Tutankhamon, pois tem nele inscrita a forma primitiva do seu nome, Tutankhaton. É feito em madeira dourada, decorada com cloisonné, terra cota vidrada e pedras semi-preciosas, sendo ladeado por duas cabeças leoninas. Os braços representam serpentes aladas. Continha originalmente uma grade em ouro maciço que se pensa ter sido arrancada na antiguidade pelos ladrões de túmulos.

Ankh em madeira dourada. Peça utilizada no cerimonial do faraó. Quando colocado na mão do faraó na presença dos seus súbditos, identificava-o com Hórus, o deus Sol.

# Amuleto Escaravelho

# Santuário de Anúbis



Amuleto em formato de escaravelho. Representava para o antigo Egito a jornada de cada dia, sendo adotado como símbolo sagrado. Feito de ouro e Lápis Lazuli.



Senhor do oeste e protetor das “coisas secretas”, este majestoso guardião da necrópole real foi encontrado à entrada do túmulo de Tutankhamon, montado num trenó. Está decorado com um motivo de símbolos hieróglifos associados a Ísis e Osíris; o santuário continha o equipamento ritual de embalsamamento do faraó.

# Manequim



Imagem de madeira em tamanho real, esculpida e pintada, pensa-se representar o faraó, dadas as evidentes semelhanças. Foi descoberta por trás da pilha de carruagens na antecâmara. Usando o barrete de argamassa amarela (lembrando a famosa coroa plana de Nefertiti) e construído sem braços, a figura tem orelhas perfuradas e é retratada usando uma túnica de linho branco simples que se assemelha a uma roupa interior.

# A Maldição do Faraó

O mito nasceu, no início do século XX. Não se sabe a sua origem, mas o grande poder da imprensa contribuiu para espalhar esta crença: a Maldição do Faraó.

Segundo a lenda do mundo moderno, quem causasse transtorno ao repouso das múmias nos seus sarcófagos desde a era do Antigo Egito, seria atingido, rapidamente, pela foice da morte.

Esta civilização acalentava uma visão sobrenatural da morte. Para preservar os corpos nas suas “viagens” para outros mundos, criaram o mecanismo da mumificação. Mesmo no século XXI, com todo o desenvolvimento tecnológico a que se assiste, não foi possível ainda compreender como este procedimento era realizado exatamente. Como se acreditava que eles necessitariam ainda dos seus bens materiais, eles eram enterrados junto aos seus faraós.

Como prevenção para que os túmulos não fossem violados e a sua existência pós-morte seguisse em paz, os seus sepulcros eram ocultos em lugares praticamente inacessíveis, como é o caso do de Tutankhamon. As maldições também cumpriam esse papel. Para esse povo era algo natural, tanto quanto práticas científicas são normais hoje em dia.

A maldição mais conhecida é, então, a do túmulo do Rei Tut. Tudo tem início quando, em 1891, o britânico Howard Carter vai ao Egito com a intenção de encontrar um sepulcro ainda não profanado, no qual o então desconhecido faraó estaria enterrado.

Dizem as lendas, que antes de voltar ao Egito, depois da supressão das escavações, o aventureiro Lord Carnarvon, adquiriu um canário dourado e o pássaro foi o seu talismã, pois logo depois finalmente encontraram o túmulo. No limiar do sepulcro, depararam-se com a maldição; uma ameaça a quem abalasse o descanso do Faraó.

A primeira morte terá sido a da ave, vítima do ataque de uma serpente, associada à que acompanhava o Rei. Lord Carnarvon chegou ao Egito poucos dias depois, eufórico com o sucesso da expedição. Cinco meses após esse evento, foi o primeiro a adoecer e morrer, sem que ninguém soubesse precisar as causas de seu mal.

Diz-se que, provavelmente, foi picado por um mosquito que provocou a infecção da qual foi vítima. Assim como se conta que, na bochecha esquerda do Faraó, foi encontrada uma lesão no mesmo local em que o nobre teria sido ferido. Em 1929, mais dez pessoas, envolvidas com a descoberta, teriam morrido sem qualquer razão.

Esta maldição jamais foi completamente elucidada mas, atualmente, já se consegue, através da ciência, encontrar explicações mais óbvias, relativas ao tempo que os túmulos se encontravam fechados, para as mortes que não uma maldição.

A exposição: *Keeping  
up with Tut*

# KEEPING UP WITH TUT

ESCOLA SUPERIOR DE  
EDUCAÇÃO

---

22 de junho de 2022  
Abertura às 16h

---

Elaborado:  
2º ano Licenciatura em Gestão  
do Património Cultural- Pós  
laboral



# KEEPING UP WITH TUT

ESCOLA SUPERIOR DE  
EDUCAÇÃO

---

22 de junho de 2022  
Abertura às 16h

---

Elaborado:  
2º ano Licenciatura em Gestão  
do Património Cultural- Pós  
laboral

Cartaz da exposição, divulgado na escola

# Keeping Up With Tutankhamon



## Piso 0 - Galeria do elevador



- O Túmulo
- Sarcófago e Máscara
- Hieróglifos



## Piso 1 - Entrada do Auditório



- Tutankhamon
- Os protagonistas
- Tesouros e Artefactos

22 de junho de 2022

**P.PORTO**

**ESE** INSTITUTO DE EDUCAÇÃO  
NOVA GERAÇÃO DE EDUCADORES

Organização:

2º ano de Gestão do Património Cultural - Pós laboral

Website



Lona, de 2m, colocada à entrada da escola, no dia da exposição



ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO  
INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO  
22 JUNHO 2022

# KEEPING UP WITH TUT

ORGANIZAÇÃO  
ANA DIAS

ANDREIA MAGALHÃES

ANDRÉ FERREIRA

BEATRIZ AUGUSTO

BRUNA SERRA

ELIANA TAVARES

FÁBIO CRUZ

GEORGIA CARDOSO

INÉS BAGANHA

JOSÉ ARAÚJO

MARIA MASSENA

MARIA MEDO

MARIANA RAMOS

RAQUEL ADÃO

L. GESTÃO DE PATRIMÓNIO CULTURAL | PL.  
2.º AND

U.C. PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO

Tutankhamon (c. 1341 a.C. - c. 1323 a.C.) foi um faraó da décima oitava dinastia (governou de c. 1332-1323 a.C. na cronologia egípcia), durante o período da história egípcia conhecido como Império Novo. Desde a descoberta do seu túmulo intacto, foi referido coloquialmente como Rei Tut. O seu nome original, Tutankhaten, significa "Imagem viva de Áton", enquanto que Tutankhamun significa "Imagem viva de Amom". Em hieróglifos, o nome Tutankhamun era tipicamente escrito Amen-tut-anckh, devido a um costume dos escribas de colocarem um nome divino no começo de uma frase para a reverência apropriada.

Nesta viagem até à descoberta do túmulo de Tutankhamon, é possível ver, desde alguns dos artefactos e tesouros que foram encontrados, até aos registos do tão marcante momento, assim como a relevância e curiosidade que chegou a todo mundo, até à contemporaneidade.

LOCAIS  
GALERIA PISO. 0  
ÁTRIO PISO. 1

MORADA  
R. DR. ROBERTO FRIAS 602, PORTO

DOCENTES  
DR. AMÂNDIO BARROS  
DRA. CARLA RIBEIRO

IPORTO

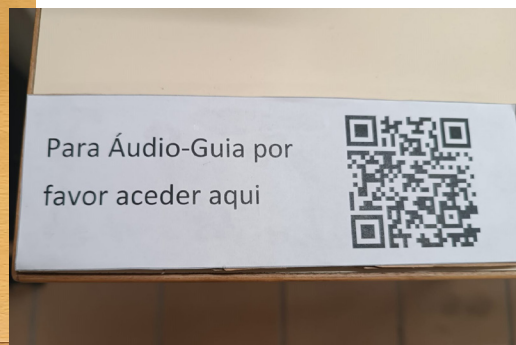
FOTOGRAFIA DE HARRY BURTON | GRIFFITH INSTITUTE, OXFORD UNIVERSITY



Flyer acerca da exposição e sua organização



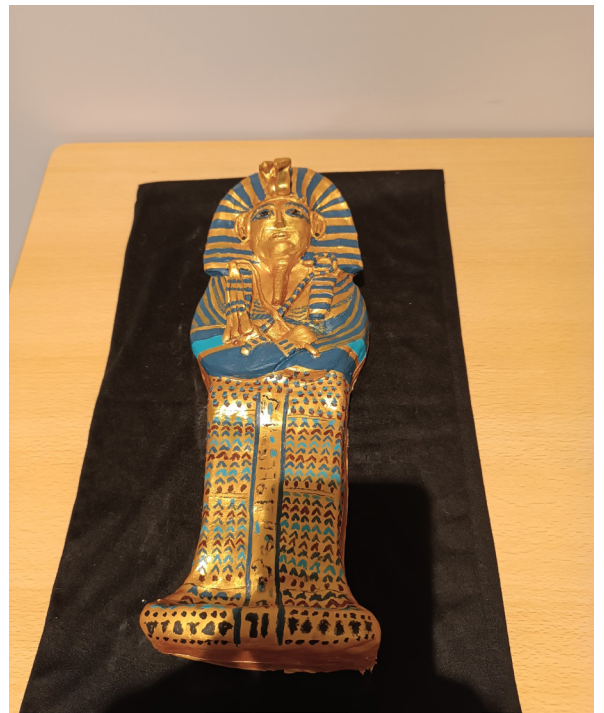
**Piso 0**



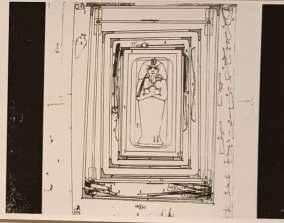
Maquete do túmulo



Pormenores do túmulo



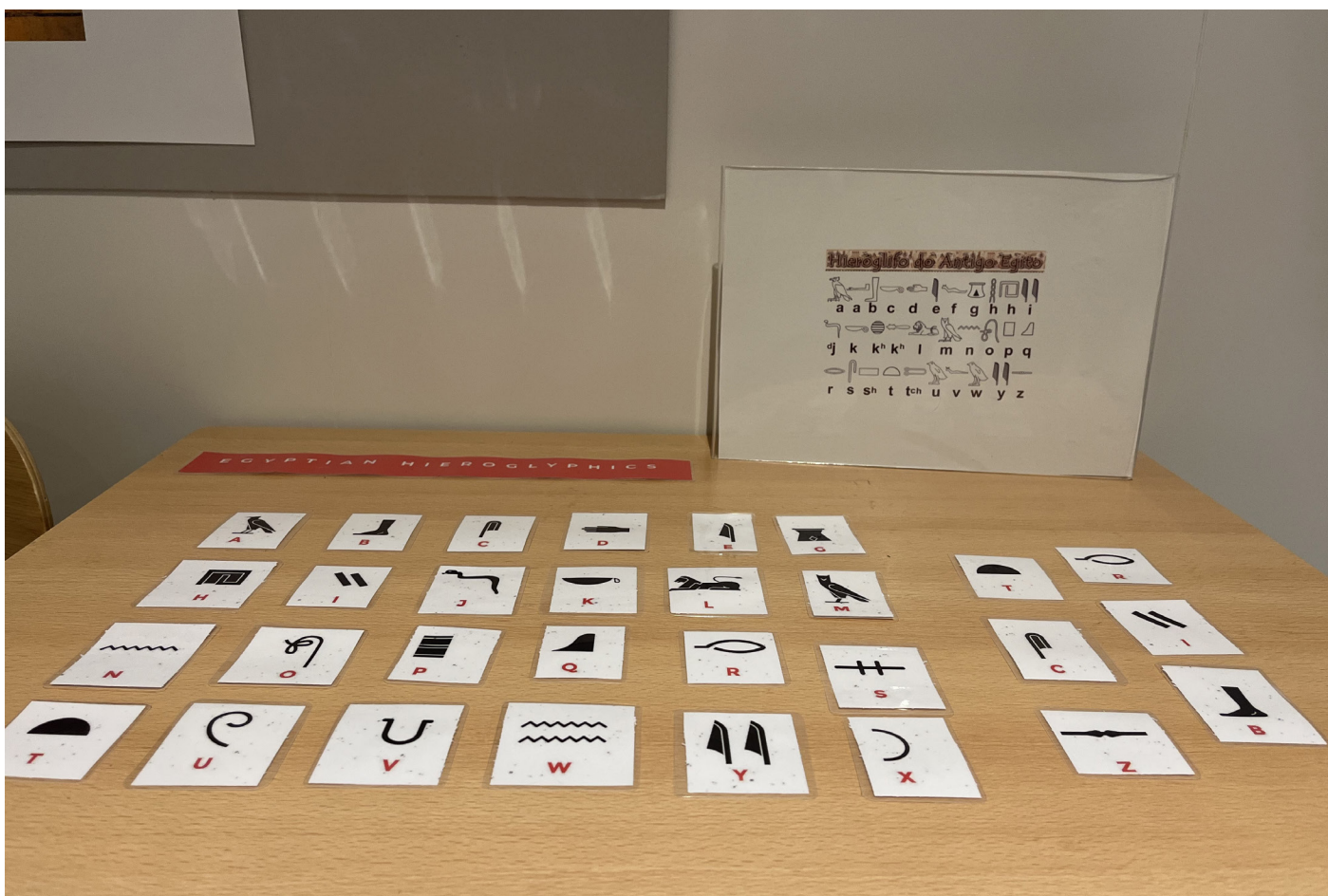
Sarcófago e Mumia





Réplica da Máscara em Ouro





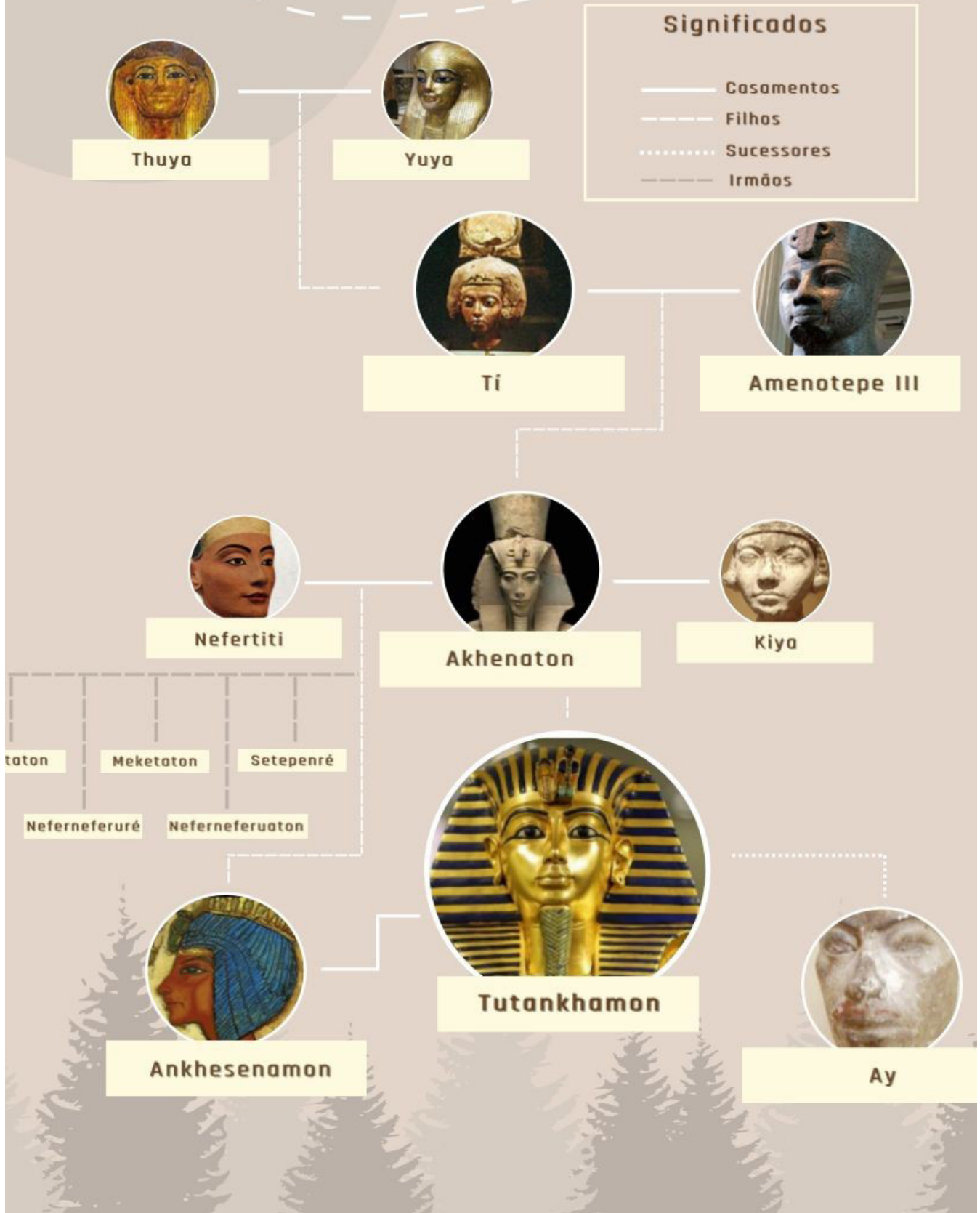
Hieróglifos



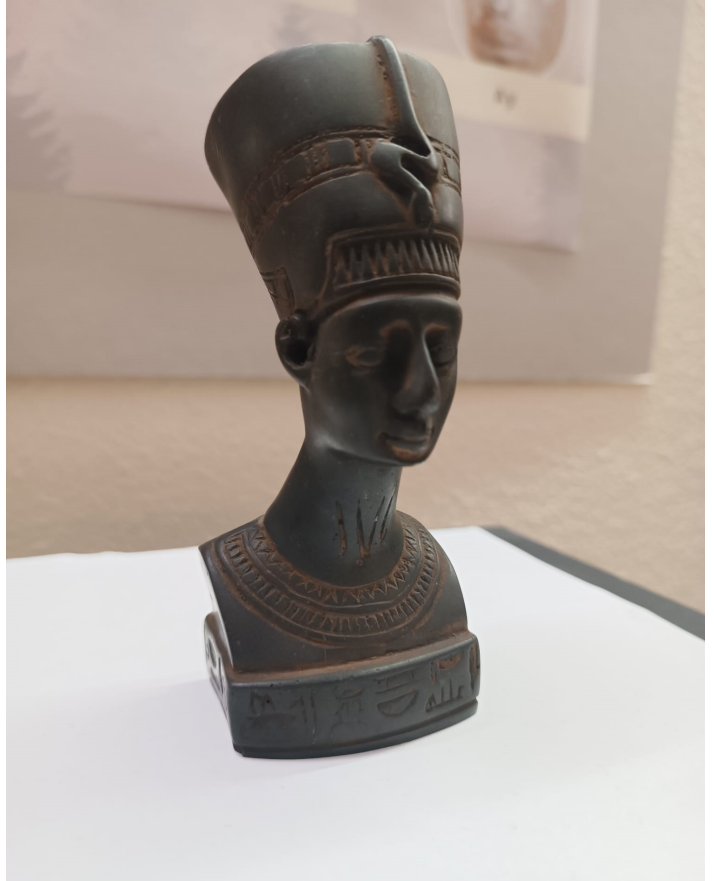


Piso 1

# Árvore Genealógica



Árvore Genealógica



Busto de Nefertiti



**Howard Carter**

Howard Carter foi um arqueólogo, egíptólogo, inventor do cinematógrafo e artista inglês. Nasceu no dia 9 de março de 1894, em Londres, e viveu até o dia 2 de março de 1939, em Londres. Foi casado com Catherine Mary Carter e teve dois filhos: John Carter e Ian Stewart John Carter. O pai foi um banqueiro e um artista promissor, sendo nomeado Sir Howard Carter, o que foi removido posteriormente por ordem do rei. Carter foi criado com duas irmãs. Foi uma criança brilhante e desde a idade mais jovem teve sempre um interesse profundo por arte e por sua história, durante os seus frequentes viagens a Sheffield onde viveu com os pais, com base de interesse e de prática. Assim, Howard tornou-se um entusiasta fervoroso que foi a arte e a história.

Um dos momentos de sua vida foi em 1903 quando foi eleito membro do Parlamento. Depois da eleição e mudança de Dillingham Hill, Howard assumiu o cargo de artista para a arte pública, mas depois de ficar insatisfeito, logo depois disso ele se tornou um colecionador de arte e Howard tornou-se um colecionador de arte. De Antenas tornou a arte para a arte de Howard no mundo da arqueologia que ele foi recomendado para trabalhar nos sites arqueológicos do Egito.

Entre os anos de 1917 e 1919, Carter foi membro da Missão Arqueológica do Egito. Em 1922 colaborou com o egíptologo Flinders Petrie na escavação de Tell el-Amarna, sendo também nomeado inspetor-chefe do Departamento de Antiguidades do governo egípcio. Até 1922, as suas descobertas mais importantes foram as do túmulo do faraó Tutankhamon e do templo de Akhetaten. No entanto, a descoberta arqueológica que o tornou uma personalidade mundial foi a descoberta do túmulo de Lord Carnarvon, do túmulo do jovem faraó Tutankhamon, descoberto no Vale dos Reis.

Os objetos descobertos antes da vida de Howard Carter foram dedicados à esposa dele e equipamento descoberto no túmulo do faraó. Assim, por cerca de 7 de março de 1923, com 65 anos de idade, acabou de morrer, sobrevivendo a vários "ataques de coração", que lhe permitiu ser enterrado no túmulo do túmulo de Tutankhamon.

**Lord Carnarvon**

George Edward Stanhope Miles Herbert foi o 5º Conde de Carnarvon nascido a 28 de junho de 1859 e foi um aristocrata inglês e arqueólogo amador. Tornou-se em um homem rico, o comércio proprietário de cavalos de corrida e também um importante dos jornais autônomo, incluindo, em 1901, um grande sucesso no comércio, que o tornou independente. Para manter a sua saúde abandonou a chovendo e humida Inglaterra, fixando-se no Egito, onde o clima era melhor. No entanto, achava a vida no Egito monótona e por isso começou a colaborar profissionalmente como forma de passatempo. Rapidamente ficou fascinado com a arqueologia e começou a perseguir com mais entusiasmo.

Por não ter recebido nenhuma educação especializada, Lord Carnarvon não foi capaz de conduzir as suas próprias escavações arqueológicas com sucesso. No entanto, decidiu financiar o trabalho de Howard Carter durante a Primeira Guerra Mundial, sendo Carter o único arqueólogo britânico que trabalhou no Egito durante a guerra. As escavações foram abandonadas. Eles continuaram com escavações após a guerra, mas com resultados insatisfatórios. Em 1921, Carnarvon havia perdido toda a esperança de encontrar algo valioso no Vale dos Reis. Sem dinheiro, chamou Carter para lhe dizer que queria o financiamento das últimas escavações. No entanto, Carter conseguiu convencê-lo a continuar as escavações e finalmente fez a grande descoberta do túmulo de Tutankhamon, em 1922.

As suas descobertas atraíram a atenção do mundo, com a morte precoce do jovem faraó e a busca de artefatos capturando a atenção e a imaginação de todos. Lord Carnarvon, no entanto, não viveu para desfrutar dessas famosas descobertas logo após a abertura do túmulo, a 3 de abril de 1923, devido a uma infecção da "malária de Tutankhamon", embora seus próprios problemas de saúde agravados por uma queda de escada inflatada, fossem a causa real do morte.

Lord Carnarvon é lembrado por trazer a atenção pública e a vida de um dos últimos de grande civilização do antigo Egito, trazendo-se de maior significado de sempre dessa civilização.



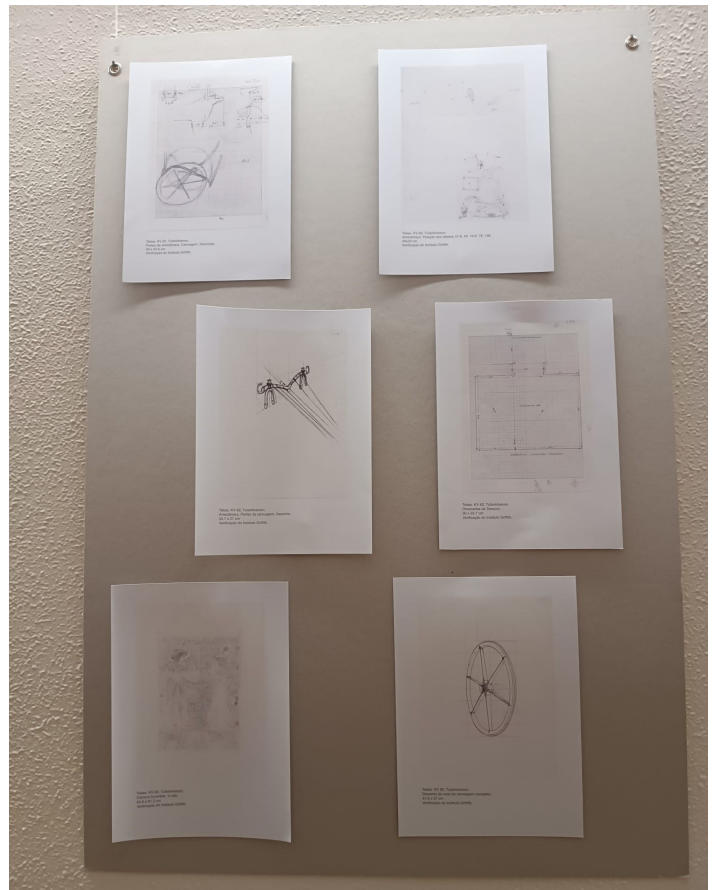
**Harry Burton**

Harry Burton nasceu a 13 de setembro de 1879 em Stamford, no Reino Unido. O seu pai era um banqueiro, fez com que, rapidamente, começasse a conquistar a reputação de melhor fotógrafo arqueológico da sua época.

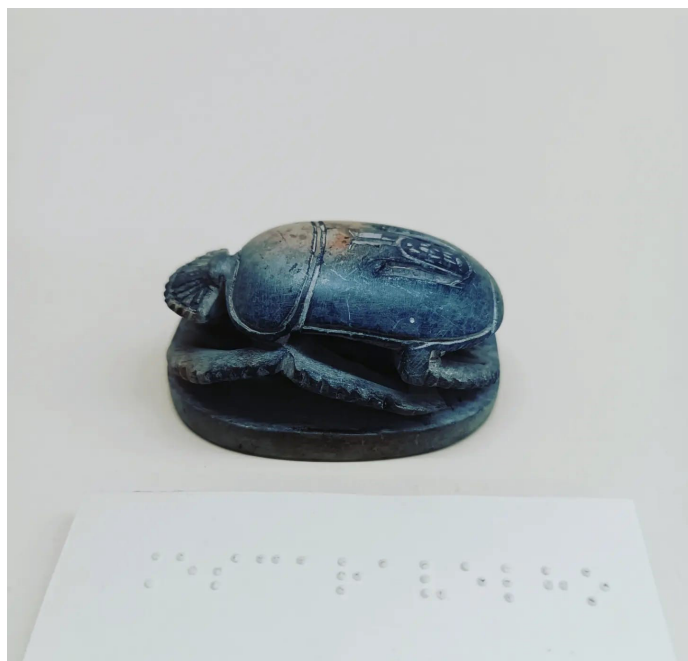
Robert Heatham Curt (1821-1903), um administrador britânico e juiz de índia colonial, casou e ajudou Harry Burton para Flórida, onde desenvolveu as suas competências na área da fotografia, tornando-se reconhecido como um extraordinário fotógrafo de pinturas.

Burton conheceu Theodor M. Davis, um rico empresário americano, formado por patrocinar e realizar escavações no Vale dos Reis, que o nomeou para fotografar os interiores dos túmulos, no Egito em 1910. Posteriormente, foi contratado como fotógrafo para registrar o trabalho da equipe de escavação na Expedição ao Museu Metropolitano do Egito de Albert M. Lytton, cargo que exerceu até à sua morte, a 27 de junho do ano de 1940.

Em 1922, quando Howard Carter descobriu o túmulo de Tutankhamon, solicitou os serviços de Burton ao Museu Metropolitano do Egito. Trabalho que realizou durante oito meses, em 1923, e onde tirou cerca de 3400 fotografias.



Alguns desenhos de Howard Carter



Réplicas de alguns dos artefactos encontrados



**Três anéis de ouro**

Três anéis de ouro encontrados no túmulo de Tutânkhamon. Cada um tem um grande esmalte de vidro azul, verde ou amarelo e é feito de ouro, prata e cobre. Os anéis são feitos de ouro, prata e cobre e são muito bonitos.



**Adaga**



Pode ser feita de ouro maciço. Foi descoberta entalhada como se estivesse dentro da tumba de Tutânkhamon, mas não está realmente colocada no túmulo.



**Máscara de Ouro**



Máscara funerária de Tutânkhamon. Foi encontrada no túmulo de Tutânkhamon. Foi feita de ouro, prata e cobre. A máscara é feita de ouro, prata e cobre e é muito bonita.



**Anel**



Anel de ouro encontrado no túmulo de Tutânkhamon. Foi encontrado no túmulo de Tutânkhamon.



**Campeões Abubaito**



Quatro caméides brancas encontradas no túmulo de Tutânkhamon. Foram encontradas no túmulo de Tutânkhamon.



**Arca**



Arca de madeira encontrada no túmulo de Tutânkhamon. Foi encontrada no túmulo de Tutânkhamon.



**Carragem Dourada**



Carragem de madeira encontrada no túmulo de Tutânkhamon. Foi encontrada no túmulo de Tutânkhamon.



**Troco de Tutânkhamon**



Troco de madeira encontrada no túmulo de Tutânkhamon. Foi encontrada no túmulo de Tutânkhamon.



**Ankh Dourado**



Ankh de ouro encontrado no túmulo de Tutânkhamon. Foi encontrado no túmulo de Tutânkhamon.



**Sarcófago de Amóbio**



Sarcófago de madeira encontrado no túmulo de Tutânkhamon. Foi encontrado no túmulo de Tutânkhamon.



**Amuleto Escarvalho**



Amuleto de madeira encontrado no túmulo de Tutânkhamon. Foi encontrado no túmulo de Tutânkhamon.



**Sarcófago**



Sarcófago de madeira encontrado no túmulo de Tutânkhamon. Foi encontrado no túmulo de Tutânkhamon.



**Mascunim**



Mascunim de madeira encontrado no túmulo de Tutânkhamon. Foi encontrado no túmulo de Tutânkhamon.



Artefactos mais importantes encontrados



# A Montagem e Inauguração da Exposição

















A small table with a light-colored top and dark legs. On the table, there is a book with a portrait on the cover and a small bust of a person's head. The book is titled "Luz" and features a portrait of a man in a military-style uniform.

A bulletin board on the wall with several papers and photos pinned to it. The papers appear to be informational or historical documents, and the photos show various figures and scenes. One prominent photo shows a man in a military-style uniform, similar to the one on the book cover.

Além de todos os elementos em exposição, foi realizado um site online, com toda a informação da exposição (<https://3190521.wixsite.com/keeping-up-with-the>), um Instagram (<https://www.instagram.com/keepingupwithut/>), um audioguia, Qr Codes e diversas modelações em 3D, com a ajuda dos professores Ricardo Gonçalves e Rui Teles. As legendas em braile, presentes também na exposição, apenas foram possíveis com a ajuda da Eduarda Azevedo que se disponibilizou, totalmente, para nos ajudar.

Obrigado a todos os envolvidos pela fantástica ajuda, e por esta experiência enriquecedora para todos nós.

